

Ratio Studiorum, do ensino tutorial ao ensino em sala de aula.

José Cristóvão Carneiro de Andrade

Relatório
de Estágio de Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário

Nota: lombada (nome, título, ano)
- encadernação térmica -

Outubro, 2013

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Filosofia no Ensino Secundário, realizada sob a orientação científica de Professor Doutor Luís Bernardo

*Ao meu Pai,
à minha Mãe.*

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial ao Externato Marista de Lisboa, por toda a ajuda e disponibilidade que durante dois anos demonstrou para que eu pudesse terminar a tese. Ainda um agradecimento á professora Rita Lopes pela ajuda e apoio durante a realização desta tese

***A Ratio Studiorum*, do ensino tutorial ao ensino em sala de aula.**

The *Ratio Studiorum*, school tutorial to education in the classroom.

[José Cristóvão C. Andrade]

[José Cristóvão C. Andrade]

[RESUMO]

Partindo do documento editado pela Companhia de Jesus em 1599 intitulado *Ratio Atque Institutio Studiorum Societatis Iesu* procurarei fazer uma pequena leitura histórica de como e quando surgiu e a sua importância. Posteriormente irei comparar as inovações trazidas por este documento para a educação e se estas inovações poderão ser aplicáveis aos nossos dias no contexto da escola pública. Para isso utilizei a minha prática de ensino da filosofia supervisionado para aplicar algumas destas estratégias.

[ABSTRACT]

Starting on the document published by the Society of Jesus in 1599 titled *Ratio Atque Institutio Studiorum Societatis Iesu* I will try to do a little of historical reading of how and when it appeared and its importance. Later I will compare the innovations brought by this document for education and whether these innovations may be applicable to the present day in the context of public schools. For this I used my practice teaching philosophy supervised to apply some of these strategies.

PALAVRAS-CHAVE: Aluno, Colégios, Educação, Ensino, Estágio, Exercícios Espirituais, Filosofia, Jesuítas, Método, Método Parisiense, Pedagogia, Professor, Público, *Ratio Studiorum*.

KEYWORDS: Student, Colleges, Education, Teaching, Training, Spiritual Exercises, Philosophy, Jesuits, Method, Method Parisian, Pedagogy, Teacher, Public, Ratio Studiorum.

ÍNDICE [exemplo]

Introdução.....	7
Capítulo I: Ratio Studiorum, Percorso Histórico	9
I. 1. Santo Inácio de Loila: da experiencia à prática	10
I. 2. A Ratio Studiorum.....	12
I. 3. Em que consistia o método parisiense	15
I.4. A importância dos Exercícios Espirituais para o método pedagógico da Ratio Studiorum.....	17
Capítulo II: Estágio supervisionado: do contexto da escola pública à aplicação Do método inaciano das escolas privadas	20
Capítulo III: Aplicação do método em contexto de estágio	22
III. 1. Aplicação prática no contexto de estágio.....	24
III. 2. Aplicação prática contexto de estágio.....	24
III. 3. O tempo dos intervalos passados com os alunos.....	26
III. 4. Fim de semana multicultural.....	27
III.5 Preparação do Fim de semana	27
III.6 Fim de semana com os alunos	27
III.7 Apoio escolar	30
III.8 Visita de Estudo	31
Conclusão	33
Bibliografia	36
Anexos	37

Introdução

Com os novos desafios que se colocam cada vez mais no mundo da educação, achei por bem fazer uma breve reflexão através de um documento (*Ratio Studiorum*) que, no meu entender, é a essência para a educação nas escolas de hoje. Refletir sobre o passado pode ajudar-nos a preparar o futuro.

Não pretendo fazer um trabalho exaustivo sobre a *Ratio Studiorum* dos jesuítas nem da sua importância no mundo da educação. Pretendo sim, analisar a importância deste documento na minha prática letiva supervisionada e refletir sobre esta mesma prática e a pertinência deste documento nos dias de hoje.

Analisar este documento é fazer um percurso que nasce da experiência pessoal de um grupo de pessoas do mundo da educação, ou seja, não nasce de uma teoria, mas sim de uma *praxis* vivida pelos primeiros jesuítas.

Duas questões às quais neste trabalho pretendo responder são: Como é que a filosofia poderia ganhar com o método da *Ratio*? Quais os contributos da *Ratio Studiorum* para a pedagogia educativa?

Através dos quatrocentos e sessenta e seis regras que a *Ratio Studiorum* propõe e que focam as férias, feriados, formação de professores, relação entre os pais e alunos, compêndios e manuais de ensino a utilizar, metodologia de trabalho com os alunos (repetições, disputas, desafios, declamações), construção de um plano de estudo, orientação pedagógica (memorização, exercício, emulação), regime de avaliação, prémios, castigos, reconhecemos a evolução pedagógica que a *Ratio Studiorum* originou, nomeadamente quando comparada com o ensino tutorial que era o mais utilizado na época do seu nascimento.

Devido a esta inovação introduzida pelos jesuítas, quando a Companhia de Jesus foi suprimida pelo Papa Clemente XIV, na bula *Domus ac Redemptor* de 1773, a Czarina Catarina (a Grande), e Frederico da Prússia acolheram-nos. Nesta altura a Companhia de Jesus contava com 669 colégios e 237 casas de formação. Só em Portugal os jesuítas contavam com cerca de 30 estabelecimentos de ensino, a única rede orgânica e estável do país, sendo o ensino gratuito e aberto a todas as classes.

Isto para não falar das Universidades que estavam ligadas aos jesuítas, nomeadamente a Universidade de Coimbra e a Universidade de Évora. Tudo isto terminou em 1759 com o mandato de expulsão erigido pelo marquês de Pombal e proclamado por D. José I.

Neste trabalho será feita uma breve reflexão sobre os métodos jesuítas, bem como a sua origem e importância ao mesmo tempo procuro perceber qual a mais-valia que a Companhia de Jesus deu ao ensino através dos seus colégios. Partindo deste ponto, analisarei os prós e contras que este método daria ao ensino nos dias de hoje e a aplicabilidade do método nas nossas escolas. Tentarei ainda refletir como poderá este tipo de ensino ser posto em prática quando aplicado à filosofia e como é que no meu estágio tentei aplicar.

1. *Ratio Studiorum*, breve percurso histórico.

O que é a *Ratio Studiorum*? A *Ratio Studiorum* foi o documento base elaborado pelos jesuítas no século XVI que padronizava o ensino nos colégios da Companhia de Jesus. Mas antes deste documento serviram de base a este. Um importante percurso foi feito até chegar à “*Ratio Atque Institutio Studiorum*” editado em 1599 em Roma.

A *Ratio Studiorum* é “un documento específicamente pedagógico de carácter universal que contó para su promulgación definitiva, en 1599, com la experiencia de los primeros colegios jesuitas de Gandia, Coimbra, Lovaina, Pádua y Bolonia. Recoge el ideal educativo de Ignacio de Loyola e tiene como punto de partida los Ejercicios Espirituales y la parte IV de las c, documentos Constituciones de la Compañía de Jesús, documentos pedagógicos para la formación intelectual, humana e religiosa”¹.

Este documento editado pela Companhia de Jesus tinha por objetivo uniformizar o ensino nos colégios dos jesuítas. O conteúdo do mesmo, dividido em trinta capítulos foi formulado em regras que fazem referência às funções, competências e tarefas das autoridades académicas dos colégios (superior, reitor, perfeito de estudos, etc). Assim, o documento não só denomina uma estrutura hierárquica, como também, da mesma forma aponta a todos os professores do Ensino Superior disciplinas específicas diferenciadas. Ao mesmo tempo “se establecen normas concretas sobre los alumnos, sobre el modo de estudiar y aprender, sobre los exámenes, los premios, las relaciones docentes, la convivencia y cualquier outro aspecto que tuviera relación com el progreso de los estudiantes”².

Na realidade este documento nasce de uma série de experiências pessoais que alguns membros da Companhia de Jesus passaram, nomeadamente dos exercícios espirituais e das constituições da mesma ordem religiosa. Antes mesmo da *Ratio Studiorum*, surgiram outros documentos como a *Ordo Studiorm* elaborada pelo padre Nadal. Mais tarde a *De Ratione et Ordine Studiorum* do Padre Dielo Ladesma

¹ HERRAIZ, Carmen, L., *El proceso de enseñanza-aprendizaje en la Ratio Studiorum*, in Repensar a Escola Hoje: o contributo dos jesuítas, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Braga, 2007. P.39

² *Ibidem*

exclusivamente para o colégio romano (primeira faculdade dos jesuítas em Roma que daria origem mais tarde a Pontifícia Universidade Gregoriana), em 1573 *Summa Sapientia* elaborada pela congregação geral. Em 1581 o Superior Geral dos Jesuítas o Padre Cláudio Aquaviva designa uma comissão para elaborar uma formula de estudos para os colégios da Companhia de Jesus intitulada *ad conficiendam formulam studiorum*. Em 1599 nasce a *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Jesu*. Este documento nasce de um “trabalho de sua (Padre Claudio Aquaviva) redação prolongou-se por obra de 15 anos (1584-1599) e obedeceu ao critério com que se preparam os currículos modernos mais bem elaborados. Primeira redação aproveitando um imenso material pedagógico acumulado em dezenas de anos; críticas dos melhores pedagogos de todas as províncias europeias da Ordem; segunda redação; nova remessa às províncias para que a submetessem por um triênio à prova da vida real dos colégios; aproveitamento das últimas sugestões sugeridas à luz dos fatos; promulgação definitiva.”³

Como nos podemos aperceber este documento surge depois de um longo caminho, nomeadamente através da experiência de aprendizagem que o fundador da Companhia de Jesus viveu.

Por outro lado, este documento ainda permanece vigente nos colégios da Companhia de Jesus em todo o mundo. É verdade que ao longo dos séculos foi sofrendo alterações, para uma melhor adequação ao meio onde estava inserido o colégio ao mesmo tempo que sentia a necessidade desta atualização adaptando-se aos novos meios.

1.1 S. Inácio de Loiola: da experiência à prática.

Como era tradição nos tempos de S. Inácio, toda educação era feita em casa com um perceptor ou orientada pelas mulheres da família, uma vez que os homens desde muito novos e depois de terem uma instrução base se dedicavam ao mundo da cavalaria e da nobreza ocupando os cargos que o rei de Espanha lhes dava. Assim, Inácio depois de receber esta formação base rumou a Arévalo para servir como pajem

³ FRANCA, Leonel. *O Método Pedagógico dos Jesuítas*, Rio de Janeiro, Agir, 1952, P. 41

de Juan Velasquez de Cuéllar, contador mor do rei Fernando (O Católico), deixando a sua educação para um plano secundário.

Depois de vários acontecimentos marcantes da sua vida, aspirando sempre cargos mais importantes como cavaleiro, durante uma batalha em Pamplona ao serviço de António Manrique vice-rei de Navarra, foi gravemente ferido deixando mazelas irreversíveis no seu corpo, nomeadamente na sua perna que foi destroçada por uma bala de canhão. Durante a recuperação não tendo nada para fazer, aproveitou para ir lendo os poucos livros que a sua casa possuía⁴, uma vez que nesta época os livros eram muito caros e morosos de se fazerem, pois que eram copiados à mão pelos monges copistas. Depois da sua recuperação notou que para melhor levar os seus ideais de fé até às pessoas precisava de obter estudos. Por isso rumou a Barcelona onde, com quase trinta anos voltou ao banco das escolas para aprender as letras fundamentais, nomeadamente aprender latim. Nesta época o ensino, apesar de já ser em turmas, enquanto o professor trabalhava com um aluno os outros estavam distraídos e com pouca coisa para fazer. Numa das suas reflexões posteriores Inácio apresenta esta mesma dificuldade, e propõe para o mundo dos colégios jesuíticos que o ensino seja ministrado de uma forma diferente para que os estudantes não se percam nem se distraiam. Podemos ver que a experiência pessoal de Inácio vai marcar a própria elaboração da *Ratio*.

Depois de concluir os estudos de latim, percebeu que tinha de continuar os mesmos na universidade. E porque é que tinha a necessidade de obter mais estudos se na sua época era apenas necessário, para ser ordenado padre fazer algumas disciplinas de teologia e saber ler e escrever em latim? A resposta é simples; a época em questão é o período da reforma luterana e da contra reforma da igreja romana. Assim Inácio percebeu que para poder fazer frente às teorias luteranas precisava de aprender. Por isso mesmo em 1528 rumou a Paris. E porquê Paris e não outra Universidade? “Talvez porque Paris fosse considerada «omnium laudatissimam academiam» e porque o *modus parisiensis* – assim foi chamado o método escolástico de Paris – se adaptasse

⁴ Nesta época os livros eram raros. Sabe-se que em Casa de Inácio, em Loiola, existiam apenas dois, a *Flos Sanctorum* e a Bíblia.

perfeitamente à maneira de ser de Inácio.”⁵ Mais ainda é a experiência que Inácio vive em Paris, nomeadamente no Colégio de Santa Bárbara, “onde Inácio estudou Artes, que o Humanismo ganhou toda a sua força. E foi este o berço pedagógico dos Jesuítas. Santa Bárbara era um feudo português, cujos estudantes eram sustentados pelo monarca lusitano, D. João III.”⁶ Neste colégio foi instaurado um novo método didático de aprendizagem concebido por André de Gouveia que consistia numa divisão metodológica da aprendizagem. Assim, no método introdutório, os professores ensinavam línguas clássicas, no método mais avançado ensinavam os humanistas da Alemanha e Itália. A aprendizagem não era um bloco estanque, mas um avançar progressivo das diferentes matérias. Nesta época dá-se uma passagem entre a Idade Média e o Renascimento. Aristóteles torna-se um dos autores mais estudados, sobretudo a sua Lógica, Metafísica e a Ética. Juntamente a Aristóteles, o estudo de S. Tomás de Aquino torna-se igualmente fulcral.

1.2 A *Ratio Studiorum*

Depois de termos visto o percurso histórico que leva a criação da *Ratio Studiorum* pretendo agora apresentar em que consiste este documento e porque se torna tão fundamental para a educação e para a pedagogia.

Se nos situarmos nos séculos XV a XVI percebemos que o ensino nesta altura estava só ao alcance de alguns,, nomeadamente da classe nobre ou burguesa. Este ensino era ministrado geralmente em casa através de um tutor ou perceptor que acompanhava o aluno ao longo da sua formação. Além disso esta formação fornecida pelo tutor não se baseava só numa determinada matéria, mas em vários campos do saber. Era um professor que lecionava todas as matérias, de certa forma faz lembrar o mundo sofista da Grécia antiga.

Ora, a *Ratio Studiorum* torna-se o documento base para a formação dos novos colégios da Companhia de Jesus, e nele aparecem várias regras de como estes colégios

⁵ LOPES, José “O Projecto Educativo da Companhia de Jesus: Dos *Exercícios* Espirituais aos nossos dias”, Publicação da Faculdade de Filosofia, UCP, Braga, 2002, pg. 40

⁶ Cfr. *Ibidem*

devem ser geridos. As normas são claras, e são postas em prática por todos os colégios da Companhia de Jesus pelo mundo fora. Os 45 colégios iniciados por Inácio de Loyola e os 245 que nos 40 anos posteriores se edificaram mostram a eficácia e o interesse por parte das pessoas por esta “nova”⁷ forma de educação.

Este documento, por exemplo, fixa o número de alunos por turma, a duração de uma aula, as diferentes disciplinas leccionadas (predominando a filosofia), que cada professor leccionaria apenas uma disciplina e não várias para que pudesse haver um maior aprofundamento da mesma.

Baseado neste documento normativo está a própria experiência educativa dos membros da Companhia de Jesus. A IV parte das Constituições desta ordem religiosa é dedicada aos estudos e à formação dos jesuítas. Por isso mesmo a *Ratio Studiorum* é uma transposição e adaptação deste documento. Na quarta parte podemos ver as disciplinas que são a base da formação, nomeadamente o maior bloco é dedicado à filosofia e um mais pequeno às humanidades, os tempos que cada estudante deve ter para o estudo, em função do professor tutor.

Como última curiosidade, quando a Companhia de Jesus foi extinta pelo Papa Clemente XIV em 1773 através da bula *Dominus ac Redemptor*, a imperatriz Catarina (a Grande) da Rússia nunca deixou que os Colégios da Companhia se extinguissem pois segundo ela o método jesuítico de educação era um dos melhores.

Os princípios básicos deste método assentavam na ideia base em que o educando desenvolvesse um “carácter activo, personalizador e autoformativo, exigido expressamente ao estudante, protagonista da sua aprendizagem, evitando abulia, passividade, desinteresse e indiferença.”⁸ Juntamente à exigência que é pretendida do aluno consigo mesmo o “acto educativo é considerado um acto de transfusão de vida entre o professor e o aluno, isto é, o acto educativo é um acto intercomunicativo de

⁷ Aspas minhas

⁸ LOPES, José M. O Projecto Educativo da Companhia de Jesus: Dos *Exercícios Espirituais* aos nossos dias, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Braga, Braga, 2002, Pg.113

ensinamento e aprendizagem mútua, entre educador e educando. Ambos dão, e ambos recebem e constroem algo em comum.”⁹

No célebre documento elaborado por Jacques Delors, para a UNESCO esta dimensão humanista é uma referência. Aquilo que nos oferece a *Ratio* e que é transposto para o ensino da Companhia de Jesus exige que seja o “aluno a sentir, a compreender e a pensar por si próprio; a reflectir, a julgar, a crer; a saber ler, a saber estudar e a saber tomar notas; a saber exprimir-se, já que a palavra é o veículo mais universal do pensamento. Por isso, o humanismo que ressalta na *Ratio* pretende uma profunda formação do homem, através, principalmente, do conhecimento e interiorização de grandes autores e das suas obras mais significativas.”¹⁰ O contato com a história e com o legado do passado pode ajudar cada um a projetar o futuro. Não é qualquer coisa que nos prende a si, num determinado tempo, mas sim algo que nos projeta para o futuro visto que podemos aprender com a história passada. A vantagem da história é que permite ao homem sempre que nasce não começar do ponto zero, mas evoluir.

Esta importância histórica é mencionada no já mencionado documento da Unesco, quando este nos diz que “A história humana sempre foi conflituosa, mas há elementos novos que acentuam o perigo e, especialmente, o extraordinário potencial de autodestruição criado pela humanidade no decorrer do século XX. A opinião pública, através dos meios de comunicação social, torna-se observadora impotente e até refém dos que criam ou mantêm os conflitos. Até agora, a educação não pôde tomar medidas decisivas situação real. Poderemos conceber uma educação capaz de evitar os conflitos, ou de os resolver de maneira pacífica, desenvolvendo o conhecimento dos outros, das suas culturas e da sua espiritualidade?”¹¹ Só com a dimensão humana do ser é que se pode combater este flagelo. Neste mesmo documento escrito para a Unesco, Delors sustenta que o aprender a ser é fundamental para o homem, defendendo mesmo que “na escola, a arte e a poesia deveriam ocupar

⁹ *Ibidem*

¹⁰ Idem, Pg 114

¹¹ DELORS, Jacques (Org.), “Educação um Tesouro a Descobrir, Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para século XXI, São Paulo, Ed. Cortez, 1997, Pg. 97

um lugar mais importante do que aquele que lhes é concedido, em muitos países, por um ensino tornado mais utilitarista do que cultural. A preocupação em desenvolver a imaginação e a criatividade deveria, também, revalorizar a cultura oral e os conhecimentos retirados da experiência da criança ou do adulto.”¹²

No meu entender, aquilo que Delors propõe, já há muito foi aplicado pela pedagogia jesuítica. A importância das humanidades no ensino é fulcral, visto que é através da língua que expormos os nossos conhecimentos, ora se não dominamos a língua a nossa exposição nunca será a ideal. Por outro lado os instrumentos que a filosofia fornece são essenciais para a regulação do pensamento, ou seja, a filosofia ensina-nos a pensar. Sem esta dimensão do aprender a pensar, toda a criatividade morre.

1.3 Em que consistia o método parisiense?

O método parisiense baseava-se em três pontos fundamentais: “sólida fundamentação de gramática; graduação nos estudos, desde os mais elementares aos mais complexos, segundo a capacidade do aluno¹³; exigência de um grande número de repetições¹⁴.”¹⁵

A partir deste método parisiense os jesuítas condensaram cinco proposições base do seu sistema de ensino. Estas cinco proposições base são: “instruir solidamente os estudantes nos fundamentos de gramática; segundo, estabelecer uma hierarquia nas aulas, de acordo com as capacidades de cada aluno – cada aula teria um grau superior de dificuldade e um mestre próprio; terceira, assinalar uma sucessão nos

¹² Idem. Pg. 115

¹³ Nos dias de hoje esta diferenciação apesar de existir não é assim tão frequente. Ainda mais se compararmos o nosso sistema de ensino com o da Alemanha, onde a diversificação e a importância dos cursos profissionais é enorme. De facto o nosso sistema conduz maioritariamente os alunos para o ensino superior. Por isso mesmo as universidades tendem a nivelar o ensino não por um patamar exigente mas mais acessíveis para que os alunos possam transitar.

¹⁴ As repetições e memorizações foram quase abolidas pelo ensino, privilegiando a compreensão, nota-se sobretudo nos alunos mais novos. Um exemplo disso é a precoce utilização da máquina de calcular em detrimento da memorização da tabuada. O ensino torna-se mais técnico.

¹⁵ LOPES, José M. O Projecto Educativo da Companhia de Jesus: Dos *Exercícios Espirituais* aos nossos dias, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Braga, Braga, 2002. Pg.42

estudos, desde a aula inferior de Gramática, passando pelas Humanidades e Retórica, até aos cursos de Filosofia, Matemática, etc., e Teologia, para evitar a dispersão das lições, segundo as preferências académicas dos professores, costumes locais e caprichos dos alunos; quarta, exigir dos alunos a assiduidade e a presença nas aulas; quinta fazer acompanhar as lições de diversos exercícios, isto é, repetições, disputas, lições de memória e composições.”¹⁶

Mas mais do que isto, foi em Paris por volta de 1509 que Montaigne cria de maneira clara e precisa uma divisão de alunos por classes “c’est-à-dire la répartition graduée d’une même matière à des paliers ou niveaux successifs, dans un ordre de complexité croissante, en fonction de l’âge et du degré de connaissances acquis par les élèves”¹⁷ O modo como Montaigne entendia as classes era segundo a evolução progressiva de cada aluno na aquisição do conhecimento. Assim estruturavam-se por salas de aulas os alunos que estavam num mesmo patamar de conhecimento¹⁸.

O método parisiense tinha ainda como particularidade a execução de vários exercícios escolares. Se olharmos para o ensino na Idade Média, notamos que funcionava através da leitura em sala de aula das aulas preparadas anteriormente pelo professor, ou apenas liam um autor e explicavam o conteúdo da leitura. Os comentários do professor relativos às diferentes matérias, levava a uma *despotatio* por parte do aluno e do professor. O Método Parisiense “insiste mais na prática e no exercício, do que nos preceitos: *usus non praecepta*, parece ser a divisa dos pedagogos. As crianças aprenderão o Latim, usando efectivamente a língua latina. É o uso da língua e não a memorização das regras da mesma, que é importante.”¹⁹

O modo parisiense foi influenciado por Montaigne em muitos aspetos, nomeadamente:

¹⁶ *Ibidem*

¹⁷ CODINA MIR, Gabriel, *Aux Sources de la Pédagogie des Jésuites - Le “Modus Parisiensis”*, Roma, Institutum Historicum Societatis Iesus, 1968, Pg. 101

¹⁸ Até aos anos 90 muitas das turmas existentes em algumas regiões do país, sobretudo em regiões com poucas crianças, as crianças eram agrupadas na mesma sala de aula, apesar de estar em níveis diferentes de aprendizagem. Frequentemente era visto no primeiro ciclo de ensino.

¹⁹ Cfr. José Lopes pg.81

- repartição dos alunos em *classes*, cada uma com o seu programa, o seu professor e a sua sala de aula;
- os alunos das primeiras classes eram ensinados por alunos da classe mais adiantada (*lectores, submonitores ou exercitadores*);
- cada classe era dividido por *decúrias*. Isto implicava um aumento do trabalho do professor, pelo recurso á entreaajuda mútua dos alunos;
- à frente de cada *decúria* estava um *decurião*, que devia vigiar a conduta dos seus colegas, tomar nota das faltas que cometiam e de as delatar ao Reitor;
- a *emulação* era muito apreciada;
- a promoção de uma classe superior fazia-se por meio de *exames*;
- eram praticados *castigos corporais* e outras *punições*;
- eram concedido prémios aos melhores alunos;
- a *delação* era um meio de manter a disciplina;
- o *horário escolar* era sensivelmente aliviado;
- o *teatro escolar* era usado como meio de diversão e como exercício literário;²⁰

A partir desta experiência em Paris, Inácio e os primeiros companheiros jesuítas foram atualizando os seus conhecimentos através da experiência prática. Certamente esta experiência ainda foi mais rica porque não foi vivida por apenas uma pessoa, mas por um grupo, que ajudou através da sua experiência a redigir a *Ratio*.

1.4 A importância dos Exercícios Espirituais para o método pedagógico da *Ratio Studiorum*.

Os Exercícios Espirituais são o centro de toda a dimensão espiritual dos Jesuítas. Foi através da experiência destes Exercícios que Inácio reuniu os primeiros companheiros em Paris. Por outro lado é um método de aprendizagem e de conhecimento interno de cada individuo. De certa forma a junção dos Exercícios com o

²⁰ GOMES, Joaquim Ferreira, O “*Modus Parisiensis*” como Matriz da Pedagogia dos Jesuítas, in «Revista portuguesa de Filosofia, 50 (1994) Pg. 179-196.

Método Parisiense permitiu a criação da *Ratio Studiorum*. Os Exercícios são “uma pedagogia activa, não através de comunicações verbais de princípios pedagógicos, mas sobretudo, através de acções”²¹ Mas em que aspetos os Exercícios Espirituais ajudaram à criação da *Ratio*?

De uma forma muito simplificada, um dos principais benefícios que os Exercícios trazem é o da atenção pessoal a cada um, que se denomina por *Cura Personalis*. A dimensão da *Cura Personalis* era a atenção individual e única a cada pessoa, respeitando o seu ritmo e as suas capacidades, propondo uma evolução centrada na pessoa em si. Ou seja “na relação pedagógica entre o orientador e o exercitante, a pessoa mais importante é este último. Não é este que se deve adaptar ao ritmo do director, às suas ideias ou esquemas mentais [...] é o director que deve fazer-se servidor e diácono.”²² Da experiência dos exercícios nasce esta atenção pessoal a cada um, mesmo que este esteja inserido numa sala de aulas com os restantes alunos.

Nos Exercícios Espirituais de St. Inácio a dimensão pedagógica parte toda do exercitante, deixando um espaço muito pequeno ao diretor dos exercícios, este apenas acompanha e guia o exercitante a fazer o seu próprio caminho. Por outro lado, o diretor tem como missão conduzir e realçar os aspetos que o exercitante não reconhece à partida. O mesmo se passa no ideário dos colégios da Companhia de Jesus, em que o aluno tem na sua mão a dimensão pedagógica, o professor ou perfeito de estudos é um mero condutor do percurso delineado por ele. Além disso, os Exercícios privilegiam o uso da imaginação, através das suas meditações ou composições de lugar. Logo aqui podemos ver que a educação se centra essencialmente em quem faz o percurso e não em quem o conduz. O aluno é responsável por si mesmo.

Como é sobejamente conhecido muitos foram os alunos que passaram pelas escolas da Companhia que mais tarde forma reconhecidos, destacando-se por

²¹ LOPES, José M. O Projecto Educativo da Companhia de Jesus: Dos *Exercícios Espirituais* aos nossos dias, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Braga, Braga, 2002, Pg.62

²² GOMES, Joaquim Ferreira, O “*Modus Parisiensis*” como Matriz da Pedagogia dos Jesuítas, in «Revista portuguesa de Filosofia, 50 (1994) Pg. 179-196

exemplo, Descartes. Quando olhamos para a vida de Descartes, ele mesmo reconhece a importância da educação que teve nos colégios dos jesuítas. Aliás foi o seu perfeito de estudos que o incutiu em algumas leituras e o conduziu a algumas linhas de pensamento que mais tarde seriam fundamentais no seu percurso. É verdade que muito criticou a Companhia de Jesus, mas é também verdade que reconheceu a sua importância durante os anos de formação.

Os Exercícios Espirituais são por isso mesmo uma “escola de eleição e oração através do exercício de decisões livres, empenhativas e concretas. São, por isso, uma pedagogia activa, não através de comunicações verbais de princípios pedagógicos, mas, sobretudo, através de acções”.²³

1.5 Planificações e Avaliações

Uma outra dimensão do plano de estudos proposto pelos jesuítas eram vários tipos de avaliações que se deveriam aplicar aos alunos. Um dos caracteres inovadores dos colégios da Companhia de Jesus era a das áreas divididas por disciplinas concretas, e cada uma destas disciplinas era lecionada por um professor diverso. Isto fazia que cada professor se especializasse numa única área de saber e não houvesse dispersão de matérias, por outro lado foi criado blocos de aulas com tempo muito específico para cada área. Além disto foram criados planos de estudos, uma espécie de guião, que os professores punham ao serviço dos alunos para que estes pudessem consultar²⁴.

Além desta dimensão, os métodos de avaliação começaram a ser diversificados. Além das provas escritas e orais, a *desputatio* fazia parte da avaliação, ou seja, através da defesa de uma tese os alunos tinham de esgrimir argumentos de pros e contras. Além de uma dimensão sintética na exposição era necessário a validação dos

²³ LOPES, José M. O Projecto Educativo da Companhia de Jesus: Dos *Exercícios Espirituais* aos nossos dias, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Braga, Braga, 2002, Pg.62 – A ação entendida por Santo Inácio é a de que o homem é criado para louvar e reverenciar a Deus e mediante isso salvar a sua alma. A ação implícita nos exercícios é a da salvação, que não poderá ser atingida sem obras concretas.

²⁴ Também eu criei um guião de aula que colocarei em anexo, juntamente com algumas planificações aula-a-aula.

argumentos apresentados. De certa forma esta metodologia foi-se perdendo. Nas aulas por mim lecionadas, procurei que esta dimensão da disputa de argumentos estivesse presentes, obrigando o aluno a uma assertividade e a investigação das teses apresentadas.

2. Estágio Supervisionado: Do contexto da escola pública à aplicação do método inaciano das escolas privadas.

Depois de introduzir o percurso proposto pelo modelo jesuítico da Ratio Studiorum, gostaria comparar as dimensões que este modelo nos dá, com o modelo proposto na escola pública.

Para mim a experiência de estagiar numa escola pública apresenta-se como algo novo, toda a formação que fiz foi um contexto de ensino privado. Mais do que uma dificuldade foi um desafio.

A escola situa-se no concelho de Sintra, ou seja, periferia de Lisboa. Está rodeada por um ambiente multicultural, predominantemente habitada por minorias étnicas, nomeadamente, culturas africanas (Moçambique, Guiné, Cabo Verde, Angola, etc.), países do Leste (moldavos, lituanos, estónios, etc.), ciganos, e outras etnias de menor vulto. Por causa da diversidade de origens, a zona encontra-se mergulhada em vários problemas sociais, nomeadamente o da violência (de vários tipos), o desemprego, a toxicodependência, roubos, etc.

Os encarregados de educação em geral têm poucos estudos, salvo raras exceções. Acompanham pouco os seus filhos pois a maioria do tempo passam no trabalho que se situa longe de casa, chegando tarde e saindo cedo.

Com a nova legislação do ensino passou a ser obrigatório a frequência escolar até 18 anos acrescentando assim um novo problema. Muitos alunos saíam no final do ensino obrigatório, que até ao ano passado, era o nono ano. Ou seja a obrigatoriedade de permanecer no ensino tornou-se mais longa, alargando assim os casos de alunos que queriam sair da escola.

É neste contexto que a Escola Leal da Câmara está mergulhada. Existe a mais-valia da parte humana, professores e funcionários, que dão o seu melhor tentando

responder aos problemas que aparecem dia após dia. A estabilidade do corpo docente é outro valor acrescentado, bem como as estruturas já montadas que respondem aos desafios que todos os dias são colocados.

O desafio que tive de enfrentar foi algo novo, visto que nunca tive contacto com a educação pública. Por um lado fiquei muito surpreendido pela positiva, com as dificuldades pela qual a escola passa enquanto instituição, pelo descrédito que os professores vivem, pela gigantesca burocracia que os professores quotidianamente têm de lidar e que influencia depois o tempo que têm para os alunos e para os acompanhar. Juntamente a tudo isto, a escola tem mais do que nunca, um papel fulcral na vida de cada aluno. De facto exigem-se respostas mais cedo, quando todos sabemos que a maturidade chega cada vez mais tarde. Desde muito novos os alunos são chamados a decidirem o seu percurso, quando todos sabemos que não tem maturidade ou capacidade de escolherem, muitas vezes, acertadamente.

Por outro lado, o ensino dos Colégios da Companhia de Jesus têm uma estrutura diferente da escola pública, começando pela autonomia de ensino. É verdade que alguns colégios dos jesuítas têm contrato de associação, mas a possibilidade da autonomia de ensino, o que permite uma maior liberdade em relação ao ensino público. Por outro lado, o corpo docente é mais estável e a própria formação de cada docente é diferente. Juntamente com estes aspetos, os colégios jesuítas apostam numa formação humana dos alunos além da dimensão normal de uma escola, proporcionando imensas atividades extracurriculares de formação, dias de turma, fins-de-semana de turma, encontros de relações humanas, troca de experiências entre colégios, acampamentos juvenis.

Esta dimensão do investimento na formação humana para além da sala de aula ou do espaço escolar, permite um maior conhecimento de cada aluno. Além do mais, a dimensão afetiva que é tão importante no ensino, orienta o aluno para querer melhorar o seu trabalho empenhando-se nas tarefas que lhe são propostas. Poderá não ser a busca de um conhecimento meramente desinteressado, mas uma busca do conhecimento porque não quer desapontar o professor que tanto investe nele.

3. Aplicabilidade do método no contexto do estágio.

Para responder a esta pergunta precisamos de ter presente a dimensão evolutiva do processo pedagógico ao longo dos tempos. Aqui podemos perceber que este processo não é de todo linear, ou seja, não é organizado nem evolui da mesma forma ao longo dos séculos. A pedagogia não pode ser organizada por etapas com contornos nítidos fáceis de identificar. Se olharmos para a antiguidade, “não podemos deixar de reparar em diversas e apaixonantes contendas que ocuparam os filósofos e escolas contemporâneas, e de entre as quais destacamos, pelo proveito e vivacidade de argumentos que envolveram, as de Sócrates e Sofistas ou Platão e Aristóteles. Contudo, curiosamente, em tudo semelhantes àquelas que na segunda metade do século XX, tiveram lugar entre teóricos de inspiração behaviorista, sócio-construtivista e cognitiva, e que vislumbramos ocuparem uma parte significativa do século que nos situamos.”²⁵

Se olharmos então para os vários modelos de escola que nos são apresentadas nos dias de hoje, podemos notar que mantendo uma identidade própria nos dias de hoje, são condicionadas e actualizadas constantemente por condicionantes sociais, filosóficas, políticas, ideológicas ou científicas.²⁶

Uma das características presentes na educação jesuítica é a estabilidade, visto que ao contrário das escolas que estão dependentes das políticas educativas dos governos que constantemente mudam, as políticas educativas do mundo dos colégios são estáveis, pois estes são defendidos por uma autonomia pedagógica.

Não é de todo fácil responder prontamente a esta questão, se bem que a *Ratio Studiorum* foi pouco e pouco sendo actualizada. Concretamente nos dias de hoje a experiência da *Ratio Studiorum* passa por três conceitos base: Acção, Reflexão, Experiência.

²⁵ Damião, Maria Helena, Tradição e inovação em educação, in Repensar a escola hoje, contributo dos Jeusitas, Aletheia, Braga, 2007, pg. 182

²⁶ Nos dias de hoje foi lançado a ideia de entregar às famílias o cheque ensino, com isto poderá iniciar uma nova etapa das famílias na busca de um ensino diferente dos dias de hoje. Até agora, muitas famílias colocavam os seus filhos em ensino público porque não tinham meios de sustentar um outro pio de ensino, com o cheque ensino as famílias terão um outro poder económico de escolha. A ideia que temos de escola terá de mudar, em busca de uma excelência para que possam ter referencias melhores para que as famílias invistam naquela escola.

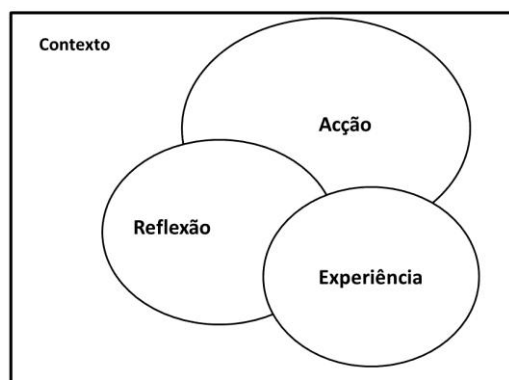


Fig.1 – Representação esquemática dos três conceitos básicos da pedagogia inaciana.

Em que consiste a experiência, reflexão e a acção?

Com a experiência pretende-se que os alunos “recordem conteúdos da sua própria experiência e seleccionem o que consideram relevante quanto ao tema que estão a tratar: fatos, sentimentos, valores, perspectivas e intuições.”²⁷

Com a reflexão pretendem que o aluno trabalhe a memória, a compreensão a imaginação e os sentimentos para apreender o significado e o valor essencial que está a estudar.

Finalmente é na acção que o “professor verifica se estão oferecidas oportunidades que desafiem a imaginação e exercitem a vontade dos alunos para escolherem o melhor caminho de atuação que dê sequencia para prosseguirem naquilo pretendido”²⁸

Nesta mesma medida podemos ver que a pedagogia inaciana²⁹ teve e tem muito a dar à pedagogia “como se pode concluir, muito antes dos estudos de Piaget, Ausubel, Vygotsky, e tantos outros, já a pedagogia inaciana praticava e pratica uma concepção educativa, uma teoria de aprendizagem próxima do chamado

²⁷ GRACOS, Pedagogia Inaciana: Uma abordagem prática, Cinforina, 1994. Pg.20

²⁸ *Ibidem*

²⁹ Designação dada à corrente escolar fundada por S. Inacio de Loyola, e ainda hoje utilizada nos Colégios da Companhia de Jesus.

construtivismo.”³⁰ O construtivismo procura que o professor tenha um papel de orientador do estudo e não de um possuidor do saber, ou seja, não dá o saber, mas orienta o saber, tornando um caminho dinâmico o da aprendizagem e não algo estático que está restringido por alguém. Por isso mesmo “a sala de aula é entendida como um laboratório que proporciona aprendizagens múltiplas em ambiente cooperativo ou colaborativo onde todos aprendem de todos através da troca de experiências motivada pela curiosidade de saber mais. Assim, estabelece uma nova relação entre educador e educando, entre professor e aluno, mais próxima, mais horizontal, mais personalizada. O aluno torna-se mais responsável pela sua aprendizagem³¹ e pelo seu crescimento pessoal a par da aquisição de novos saberes, valores, critérios, e atitudes que o ajudarão a construir a sua identidade única e irrepetível. Estuda, não pelo medo ou pressão social, mas pelo prazer de aprender, de crescer, saboreando interiormente as diferentes matérias na busca de novos conhecimentos que o ajudarão a explicar e a compreender melhor o mundo em que vive e habita.”³²

3.1. Aplicação prática no contexto de estágio.

Uma das questões que me interpela enquanto docente, é a de como podemos melhorar o ensino ajudando os nossos alunos a não serem apenas bons academicamente, mas sendo motor para uma sociedade igualitária e mais justa. Durante o estágio supervisionado reparei que a escola pode ser fundamental para uma sociedade equilibrada e justa. A sala de aula e a diferença cultural e multicultural que se vive nas nossas escolas, por um lado coloca novos desafios aos docentes por outro pode ser cruel tanto para alunos como professores. Todos nós sabemos as múltiplas

³⁰ LOPES, José (org), *Repensar a Escola Hoje: o contributo dos jesuítas*”, Ed. Aletheia, Braga, 2007, pg. 276

³¹ Ou deveria tornar-se mais responsável. Na verdade para mim esta é a parte mais desafiante de ser professor, em que o aluno não veja a escola ou a disciplina como algo que tem que ser e tem que fazer, mas como um desafio na aquisição de conhecimentos. Muitos problemas poderíamos levantar aqui, como por exemplo, a falta de interesse dos alunos, a quantidade de propostas extra aulas que lhes são colocadas, a problemática dos valores, etc. Independentemente destes aspectos, é um desafio quanto a mim válido e que responsabiliza o aluno num salutar crescimento.

³² Idem, Pg. 277

problemáticas que afetam o mundo escolar destacando alguns exemplos: a carreira de docente cada vez mais instável; os novos problemas que a escola tem que lidar, abandono escolar, violência, problemas familiares, droga, etc.; o excesso de burocracia, o aumento da carga horária, etc.

Sabendo que será impossível resolver todos estes problemas, como posso pelo menos melhorar o que está à minha volta? Desde o final da minha licenciatura que tenho dado conta, sobretudo no mundo saxónico, de novas correntes educativas que vêm a escola como fundamento para uma educação integral. Ou seja, a educação não é exclusivamente feita dentro da sala de aulas, mas dentro do complexo escolar, onde o professor surge como modelo. A educação é feita através da presença, criando referências aos alunos baseados nos professores. Claro que podemos colocar uma pergunta de muito difícil resposta; será que os professores são só educadores dentro da sala de aula, ou em qualquer espaço público que estejam?³³

Podemos sempre contestar dizendo que a escola não tem o dever de ser mais do que é, ou seja, um espaço educativo e que toda a outra componente pertence aos pais. Contudo os dias de hoje mostram que um dos problemas das nossas escolas é exatamente este, muitas vezes porque os pais trabalham de manhã à noite não podendo acompanhar os seus filhos como gostariam. Por outro lado os filhos tem mais educação escolar do que alguns pais, a imagem de uma sociedade onde tudo é permitido, a super proteção dos pais em relação à escola (e que quase todos os dias vemos nos jornais docentes agredidos pelos encarregados de educação, etc.). A escola é garante não só de uma formação académica, mas muitas vezes como meio de educação integral. Exemplo disso é que, cada vez mais a escola é chamada a intervir, por exemplo na higiene pessoal dos alunos, ensinando-os a vestir a ter regras básicas de higiene como tomar banho, lavar os dentes etc., a prevenir comportamentos de risco ou mesmo denuncia-los caso o aluno sofra violência, etc.

Tendo em mente a *Ratio Studiorum* criei alguns momentos onde se pudesse colocar em prática algumas estratégias pedagógicas, nomeadamente aquelas que para

³³ Exemplo: Será lícito a um docente sair da escola, e mal saia dos portão da escola comece a fumar, quando momentos antes esteve a alertar para os alunos dos malefícios do tabaco? Se entendermos a educação como exemplo, então claramente o docente não tem o direito de o fazer, mesmo que aquele espaço não seja escola e que seja um aspeto da sua vida privada.

mim são o fundamento do documento inicial (que no meu entender é a *cura personalis*), que consiste em apoiar e ajudar os alunos, ouvindo-os e acompanhando-os no seu dia-a-dia com os seus problemas diários.

Na nova abordagem que os jesuítas fazem a *Ratio Studiorum* fazem um apelo a uma inculturação “como professores, portanto, necessitamos de compreender o mundo do aluno, incluindo os modos como família, amigos, companheiros, e costumes juvenis assim como as pressões sócias, vida escolar, política, economia, religião, meios de comunicação social, arte, música, e outras realidades tem impacto, naquele mundo e afectam o aluno para o bem e para o mal. Na verdade, de tempos a tempos deveríamos trabalhar empenhadamente com os alunos para reflectirem sobre as realidades contextuais dos nossos mundos. Que forças actuam neles? Até que ponto eles experimentam a influência dessas forças nas suas actitudes, valores e crenças e modelam percepções, juízos e opções? Até que ponto as realidades do mundo afectam o próprio modo como eles aprendem, ajudando a modelar os seus padrões de pensar e agir? Que passos práticos eles podem e desejam das para alcançar maior liberdade e controlo sobre o futuro?”³⁴ Confrontado com este desafio, coloquei em prática alguns princípios da *Ratio* através de quatro estratégias:

- 1) Tempo dos intervalos passado com os alunos,
- 2) Fim-de-semana multicultural,
- 3) Apoio escolar,
- 4) Visita de estudo.

3.1.1 Tempo dos intervalos passado com os alunos

Procurei durante este ano, fazer um esforço e sair da sala de professores durante os intervalos para acompanhar os alunos no ambiente extra letivo. Na realidade surgiram várias reflexões quando colocava em prática esta estratégia. Se por um lado a presença era importante (pois descobria a sua linguagem do quotidiano bem como os problemas que viviam no dia-a-dia e os desafios que tinham que

³⁴ GRACOS, Pedagogia Inaciana: Uma abordagem prática, Cinforina, 1994. Pg.24

enfrentar), por outro a tensão de saber que os alunos precisam do seu espaço e da sua liberdade ao mesmo tempo que eu precisava de descansar um pouco da sala de aula foi uma constante. Na realidade num primeiro momento tentei ir ao encontro dos alunos, mas devido a esta tensão comecei a utilizar outra abordagem que era a de simplesmente passear no espaço recreativo, dando oportunidade, a quem queria, de se aproximar. As reações foram muito positivas se bem que no início causava algum espanto, pois os alunos não estavam habituados a ver o professor fora do contexto de sala de aula ou de sala de professores.

3.2 Fim-de-semana Multicultural

3.2.1 Preparação do fim-de-semana

A prof. Estagiária Inês e eu resolvemos propor ao prof. Narciso (orientador do estágio) uma atividade extra curricular com os alunos do décimo ano das nossas turmas. O objetivo do fim-de-semana era trabalhar com eles as relações humanas e os problemas ligados às diferenças raciais. Penso que o contexto escolar está muito propenso a esta formação, pois os alunos têm de várias proveniências (se não na primeira geração cá em Portugal, na segunda ou terceira). Ainda se nota uma grande influência cultural dos países de origem. Assim, a ideia é que os alunos possam partilhar as diferenças culturais, através de espaço de diálogo, de música, cultura, ideias e por outro lado tentar perceber como é que eles interagem na sociedade portuguesa, bem como as dificuldades que tiveram. Futuramente, caso o número seja significativo, far-se-á um acompanhamento na escola.

Esse fim-de-semana vai realizar-se em Janas (conselho de Sintra). Realizar-se-ão ainda atividades lúdicas e desportivas.

3.2.2. Fim-de-semana com os alunos

Sáímos no sábado, da Escola Secundária Leal da Câmara por volta das nove horas da manhã. Depois de uma curta viagem chegamos á casa de Janas propriedade da Paróquia de São Pedro de Alcântara. Houve um pequeno encontro de boas vindas e

de explicação do funcionamento do fim-de-semana. De seguida foram entregues os respetivos quartos e distribuídas as tarefas a realizar (cozinhar, limpar espaços, etc.)

Na primeira atividade da manhã, realizaram-se jogos de apresentação visto que iam três turmas diferentes, duas de décimo e uma de décimo primeiro. Depois dos jogos de apresentação, seguiu-se uma atividade intitulada “Ser diferente é...” onde os participantes foram chamados a interagir em grupos formados na altura. Seguiu-se a preparação do almoço por uma equipa. Depois do almoço houve um tempo para descanso e depois fez-se uma caminhada de Janas à Praia das Mações. Na Praia das Mações realizaram-se uma série de jogos, desde futebol, a jogos tradicionais e houve um tempo informal de conversa. A meio da tarde regressámos a casa. Depois do lanche fez-se um jogo intitulado “uma bandeira, uma música, uma cultura”. O jogo tinha como objetivo que as diferentes equipas tentassem obter o maior número de pontos possível através do adivinhar a que país pertencia aquela bandeira, qual a capital desse país, quais as suas tradições.

Seguiu-se o jantar. Logo após o jantar foi apresentado um filme “América Proibida”, seguido de debate do mesmo, no qual foi possível ouvir os alunos sobre os problemas raciais que enfrentam no dia-a-dia. Seguidamente serviu-se um chá e foram dormir.

No domingo de manhã, depois do pequeno-almoço realizou-se um jogo apresentado por uma professora onde eram aprendidas diferentes danças de vários países. De seguida houve uma atividade de grupos com vista à promoção da igualdade entre todos. Depois almoçamos e de seguida procedeu-se às arrumações da casa. No final de tudo houve tempo para uma avaliação dos alunos da atividade. Por volta das dezasseis horas regressámos à Escola Leal da Câmara.

Gostava de salientar a avaliação extremamente positiva por parte dos alunos e dos professores presentes e como este fim-de-semana foi importante para a chamada de atenção e reflexão sobre as diferenças culturais existentes no nosso sistema de ensino e como este tipo de atividades pode ajudar a promover mais igualdade entre todos, bem como a desmistificar alguns dogmas que ainda se veem presentes no nosso contexto educativo. Pessoalmente penso que mais do que tudo, foi um meio de

aprendizagem informal que deu muitos frutos, demonstrando que nem só em contexto de sala de aula se pode aprender ou adquirir conhecimento.

Ficou muito presente a ideia da proximidade entre o docente e o discente e como esta proximidade, comedida é claro, pode trazer grandes benefícios à educação. Afinal não estamos a lidar com máquinas, mas com pessoas.

Apresenta-se em anexo o material de preparação bem como as circulares que seguiram para os encarregados de educação, da proposta feita à escola por parte dos estagiários e a avaliação dos alunos sobre o fim-de-semana.

Podemos ver que estas saídas eram muito importantes no próprio método de ensino dos jesuítas. Começando com as famosas “casas de campo”³⁵, um dia por semana em que os professores saíam os alunos para uma visita de campo, onde ensinavam os alunos a pôr em prática o que tinham aprendido nos colégios naquela semana, também através da contemplação da natureza ou através de conversas e de debates de um tema específico incentivavam os alunos a uma participação ativa e responsável. Estas saídas permitiam um ambiente diferente e menos formal, onde a aprendizagem se dava de uma forma menos estruturada, mas mais afetiva por parte do aluno. Ao mesmo tempo exercitava-se o corpo, através de jogos e brincadeiras, como proclama a própria máxima *mens sana in corpore sanos*.

Por outro lado, uma das características do ensino da Companhia de Jesus era a realização de peças de teatro e musicas. Nos colégios, normalmente preparava-se durante um ano inteiro uma peça de teatro que seria representada no final desse mesmo ano. O objetivo era mostrar aos alunos a dimensão da representação, do saber estar em público, da cultura, juntamente com exercício da memória e da criatividade. Nesse sentido a música fazia parte da mesma formação integral dos alunos. O saber ouvir, o saber ritmar ajudava o aluno a treinar competências importantes para a vida. Durante o fim-de-semana tentámos colocar isto em prática, através de algumas peças de teatro que os alunos idealizaram, bem como o despertar para os diferentes tipos de música e de danças. Notou-se que os alunos estavam muito hesitantes, porque culturalmente não estavam preparados para esta forma de exposição pública de

³⁵ Aspas minhas.

utilizar a criatividade e o improviso. Culturalmente deu para perceber quais as referências que os alunos têm na sua vida, ao mesmo tempo que se via que a criatividade não é exercitada na sala de aula, mas sim a reprodução exata dos conteúdos dados pelo professor.

Outra característica fundamental deste fim-de-semana foi a da responsabilidade. Estavam poucos professores para muitos alunos, cabia aos alunos assumir um papel autónomo e responsável. O professor não tinha a seu cargo a vigilância, mas as propostas de atividades durante o fim-de-semana, ou seja, os tempos em que não havia nada era por conta de cada um, promovendo assim o respeito por cada pessoa e pelo espaço público, bem como o diálogo entre cada um. A responsabilidade foi ainda posta em prática nas pequenas tarefas que cada um tinha que desempenhar, desde lavar a loiça, fazer almoços e jantares, arrumar mesa, cozinhar, etc. Estas atividades permitiram aos alunos trabalhar a sua autonomia

3.3 Apoio Escolar

Habitualmente ia ao encontro dos alunos ou no recreio ou mesmo nos tempos onde estes podiam tirar duvidas e esclarecia questões que muitas vezes não ficavam explicadas na sala de aula. Este tempo informal, proporcionava que o estudante estivesse mais à vontade, fora de um contexto de sala de aula fazendo com que se libertasse mais para expôr as suas dúvidas. Uma outra vantagem é que nestes tempos não estavam todos os alunos, só mesmo aqueles que queriam aprofundar mais os seus conhecimentos, logo estes tempos decorriam num ritmo mais intenso de esclarecimento de dúvidas da matéria e mesmo de temas que não eram referidos pelo programa. Ou seja, levava o aluno para além do programa e específico da disciplina, num interesse de conhecer mais.

Em sala de aulas, muitas vezes as questões não são levantadas por vergonha do aluno. Fora deste contexto, a liberdade do aluno é maior. De certa forma é um dos pontos aconselhado ao professor pela *Ratio Studiorum*, visto que a repetição e a condução do aluno a uma busca interessada pelo saber, é fundamental. Além do mais, cria referências caso necessitam de apoio na sua formação.

Este tempo poderia ser visto como a tutoria ou acompanhamento individual do aluno, onde este poderia estabelecer num espaço diferente e só com o professor um diálogo de aprendizagem, que poderia ir além da mera matéria lecionada em sala de aula.

3.4 Visita de Estudo

A visita de estudo contemplou uma ida ao teatro. A nossa ida ao teatro foi uma tentativa de despertar os alunos para outro tipo de arte que não é tão comum no meio: Fomos ver uma peça centrada nos escritos de Fernando Pessoa intitulada “Verbo Pessoa”. Na dinâmica pedagógica jesuítica o teatro fazia parte, sobretudo, por causa da prática pedagógica do mestre de Retórica.

O teatro era usado pelos jesuítas para colocarem em prática uma série de mecanismos didáticos, assente no jogo dramático, que fazia de teatro um lugar cénico por natureza. Para os jesuítas o uso da palavra e o seu domínio era fundamental, por isso mesmo tentavam que o aluno utilizasse todas as técnicas de comunicação interpessoal e social.

Gostaria que o teatro se estendesse à sala de aula, onde os alunos seriam atores e público em simultâneo, mas é impossível com o tempo de aulas dadas e por vezes pela falta de interesse demonstrado por esta arte. Por exemplo a dimensão teatral que se poderia aplicar às apresentações dos trabalhos dos alunos seria, certamente uma mais-valia que ajudava o discente em não se centrar exclusivamente no *power point*, onde coloca uma série de palavras-chave, mas sem sentido ou algumas imagens, mas que não é capaz de produzir um discurso fluido e lógico do pensamento da pessoa e por vezes não é suficiente para tirar as dúvidas aos alunos.

Por outro lado, a dimensão humanística que as peças de teatro trazem, combatem o paradigma vigente do nosso sistema de ensino, em que só as ciências são a arte suprema para onde vão os bons alunos. Para humanidades, nos dias de hoje, vão aqueles que não são capazes para mais. “A valorização das humanidades como objecto de estudo tão importante como a filosofia e a teologia, por um lado; a convergência do sistema escolar para o estudo da retórica e da eloquência; uma noção

de retórica que libertava os estudos literários do primado da dialética e da filosofia e se inspirava não só nos livros de Aristóteles mas também de Cícero e de Quintiliano, e se torna obrigatória para todos quantos (estudantes e leigos) quisessem avançar nos restantes saberes, foram factores que elevaram definitivamente o nível de todos os estudos e tiveram como resultado a multiplicação de gerações de humanistas, em todas as partes do mundo”³⁶.

A ida ao teatro foi positiva, mas demonstrou que os alunos não estão habituados a este tipo de arte. No início foi difícil só o simples parar e escutar a mensagem transmitida pela peça. Fazendo a análise do com o fim-de-semana multicultural, onde os alunos que foram tiveram oportunidade através de pequenos *sketch* teatrais, de experimentar este tipo de arte, parece-me que conseguimos ajudar a libertar os alunos não só de preconceitos, mas obrigando-o a enfrentar um público e a estruturar ideias para apresentar a este mesmo público.

³⁶ MIRANDA, Margarida, O teatro na proposta pedagógica dos Jesuítas, *in* Repensar a escola hoje: o contributo dos jesuítas, ALETHEIA, Braga, 2007, pg. 334

CONCLUSÃO

A elaboração desta tese não foi fácil para mim. Por um lado a dificuldade da datação do tema, por outro o perceber que se quisesse aprofundar o tema teria certamente muitas ideias para desenvolver. De certa forma a elaboração desta tese reflete uma necessidade pessoal em ir ao encontro de um sistema educativo que sempre me acompanhou enquanto aluno da Companhia de Jesus.

Uma das dificuldades que senti durante a elaboração da tese é que na *Ratio Studiorum* esta implícita necessariamente a dimensão da fé. Então, como é possível adaptar este método, com uma característica tão central, a um sistema de ensino público laico, onde não se contempla esta dimensão?

Na realidade seria um bastante difícil, sobretudo pela multiplicidade étnica e religiosa que existe no sistema de ensino em Portugal. Por outro lado, como tentei mostrar que através da *cura personalis*, a atenção pessoal ao aluno é uma forma de aproximação de métodos. Se o sistema jesuítico visa a promoção da fé, na escola pública poderá passar pela transmissão de valores humanos. É verdade que mais problemas se levantariam, por exemplo: quais os valores a transmitir ao aluno? Será que a própria visão pessoal do docente não influenciaria a transmissão desses valores?

Delors, no documento que citei anteriormente³⁷, faz referência à necessidade de que o homem precisa de se conhecer interiormente para atingir uma maturidade equilibrada. Sem esta viagem ao interior a maturidade demorará a chegar, de fato exigimos aos nossos jovens respostas cada vez mais cedo (que área de estudo escolher, que profissão futura, que valores) quando estes amadurecem mais tarde. Além desta dimensão do acompanhamento pessoal, Delors refere ainda a importância da criatividade. Ora, no trabalho refiro algumas vezes a importância do teatro como um meio privilegiado para a formação do aluno. Este método não é exclusivamente jesuítico nem foram estes a introduzi-lo na educação. Já anteriormente existiam, contudo servi-me deste exemplo como um dos métodos privilegiados dos jesuítas para a transmissão de saber fundamentada na memória e na palavra, bem como na importância de saber estar em público. Cada vez me apercebo mais que estas atitudes

³⁷ Educação um Tesouro a Descobrir, parte IV.

estão a desaparecer no nosso ensino; cada vez mais os alunos utilizam das novas tecnologias quando querem expôr um trabalho, limitando-se a ler o que lá escreveram, tornando a apresentação monótona e sem expressão. A filosofia neste campo tem muito que ensinar e que transmitir: em primeiro lugar ao nível da dimensão argumentativa, em segundo a nível da importância de conteúdos a transmitir e em terceiro lugar no campo da reflexão pessoal.

Ao longo da elaboração da tese, fui-me dando conta que a história de educação foi sempre progressiva. À medida que o tempo passa é necessário adaptações. Refiro no meu trabalho a importância da Czarina Catarina (a Grande) da Rússia para os jesuítas, mas é uma mera referência histórica para mostrar porque é que o ensino dos jesuítas nunca se perdeu e sempre se manteve em funcionamento, mesmo quando a Companhia de Jesus foi suprimida pelo Papa Clemente XIV. Na realidade, mal a Companhia quando foi restaurada pelo Papa Pio VI, automaticamente foi expulsa do território Russo.

Este trabalho tentou mostrar sobretudo a minha prática de ensino na escola pública, nunca antes tinha passado por esta realidade, pois toda a formação foi feita no ensino privado. Portanto para mim foi um desafio e uma descoberta. Por outro lado esta reflexão levou-me a questionar se o método jesuítico de ensino seria aplicável ao mundo do ensino público.

Muitas vezes criamos um hiato demasiado grande entre o que é público e o que é privado, entre o tipo de alunos que cada ensino tem, que antecedentes trazem para a escola. Para mim foi uma surpresa muito agradável ver o trabalho que os professores do ensino público fazem e ver que muitas vezes não é reconhecido. É verdade que são chamados a enfrentarem uma série de desafios que o ensino privado não enfrenta, mas isto não pode servir de desculpa para se fazer mais e melhor.

No meu entender a *Ratio Studiorum* poderia ser perfeitamente aplicável ao ensino privado, se se terminasse com a burocracia excessiva que existe na escola de forma a que o professor pudesse ser mais professor e menos funcionário burocrático. Para mim o ponto central de todo o projeto educativo jesuítico centra-se na decisão pessoal do aluno em querer uma boa educação. O aluno é o centro de todo o processo, o professor é aquele que conduz, ou que tenta conduzir através da forma

que melhor se adapta a cada aluno. Ou seja, a educação deixa de ser de massas e passa a requerer tempo individual, na realidade pode parecer o que defendo um pouco utópico, na medida em que o nosso ensino esta cada vez mais longe deste patamar.

Analisemos o que aconteceu este ano com o aumento do número de alunos por sala de aula. Como é que um docente pode querer dar tempo individual a cada aluno quando tem numa sala no mínimo trinta aluno, vezes as turmas em que leciona. De certa forma este é um dos pontos fortes do ensino privado com o qual o ensino público não pode concorrer.

Como último ponto da minha reflexão e como futuro professor de filosofia sinto-me preocupado com o que se passa na escola, sobretudo com o descrédito que algumas disciplinas vivem em relação a outras, particularmente as disciplinas de caracter geral em relação às disciplinas técnicas e que é impulsionado pelo próprio sistema educativo. Começa logo pelo peso que as disciplinas específicas têm sobre as disciplinas gerais. Um exemplo disso foram os últimos exames nacionais (na primeira fase) do ano passado onde todos os exames das disciplinas específicas decorreram da parte da manhã e os exames de disciplinas gerais todos na parte da tarde. Por outro lado o tipo de comentários que se ouvem quando um bom aluno abdica de ir para um campo científico em detrimento de um campo geral.

Por outro lado apercebi-me de que existe uma dificuldade muito grande em ajudar o aluno a fazer o seu caminho, coisa que a *Ratio Studiorum* defende. Os alunos não se responsabilizam pela sua educação (vejamos a quantidade de cartas que tem de ser enviadas quando um aluno não aparece na escola). No meu entender não responsabiliza o aluno mas infantiliza-o. No mesmo nível, a complexidade de reter um aluno, parece que quem falha é o professor, mesmo quando é o aluno que não faz nada para aprender, ou seja, há quase uma garantia de sucesso, será que este é o melhor método para lidar com a vida futura? O método onde se promove a mediocridade em vez da excelência?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CODINA MIR, Gabriel, *Aux Souces de la Péfagogie des Jésuite - Le "Modus Parisiensis"*, Roma, Institutum Historicum Societatis Iesus, 1968
- DAMIÃO, Maria Helena, Tradição e inovação em educação, *in* Repensar a escola hoje, contributo dos Jeusitas, Aletheia, Braga, 2007
- DELORS, Jacques (Org.), "Educação um Tesouro a Descobrir, Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para século XXI, São Paulo, Ed. Cortez, 1997
- FRANCA, Leonel. *O Método Pedagógico dos Jesuítas*, Rio de Janeiro, Agir, 1952
- GOMES, Joaquim Ferreira, *O "Modus Parisiensis" como Matriz da Pedagogia dos Jesuítas*, in «Revista portuguesa de Filosofia, 50 (1994)
- GRACOS, Pedagogia Inaciana: Uma abordagem prática, Cinforina, 1994
- GRACOS, Características da Educação da Companhia de Jesus, Oficinas Gráficas da Litografia A. C., Braga, 2000
- HERRAIZ, Carmen, L., *El processo de enseñanza-aprendizaje en la Ratio Studiorum*, *in* Repensar a Escola Hoje: o contributo dos jesuítas, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Braga, 2007
- KANT, Immanuel, Sobre a Pedagogia, Ed. 70, 2012
- LOPES, José "O Projecto Educativo da Companhia de Jesus: Dos *Exercícios* Espirituais aos nossos dias", Publicação da Faculdade de Filosofia, UCP, Braga, 2002
- LOPES, José (org), Repensar a Escola Hoje: o contributo dos jesuítas", Ed. Aletheia, Braga, 2007
- LOPES, José, Santo Inácio de Loiola, Um Educador do Desejo, Ed. A.O., 2003
- MIRANDA, Margarida, O teatro na proposta pedagógica dos Jesuítas, *in* Repensar a escola hoje: o contributo dos jesuítas, ALETHEIA, Braga, 2007
- PELLEREY, Michelle, Educare: Manuale di Pedagogia come Scienza Pratico-progettuale, LAS, Roma, 2008
- PPCJ, Constituições da Companhia de Jesus e Normas Complementares, Ed. A.I., Braga, 1997

ANEXOS

I – Material Fim-de-semana Multicultural

Campo de Férias

Exmos. Srs. Profs. Conselho Directivo

Vimos por este meio propor uma actividade nova na escola. Somos estagiários de Filosofia orientados pelo Prof. António Narciso, e como proposta de actividade de estágio resolvemos desenvolver, entre outras, uma actividade que promova a cidadania e a multiculturalidade da Escola Secundária Leal da Câmara.

Ao olhar a realidade que envolve a escola e as suas múltiplas nacionalidades pensamos que seria uma mais-valia que as culturas pudessem dialogar sem medos ou preconceitos. Num mundo cada vez mais universal, onde as culturas vão-se misturando, ainda há por vezes, muita desconfiança do que não é conhecido ou é diferente. Uma das necessidades do mundo de hoje é conhecer quem nos rodeia para abrir espaço de diálogos importantes para uma cidadania activa e sem medos ou preconceitos. Assim, a realização deste campo de férias teria como publico alvo todos os alunos do secundário da Escola Leal da Câmara que procurem ter uma experiencia diferente indo ao encontro das culturas que muitas vezes surgem como *ghettos* urbanos e causam desconfiança.

Esta actividade seria desenvolvida proposta, conjuntamente com os professores que a ela se quiserem ligar. A duração de actividade seria de 4 dias, onde se desenrolariam uma serie de actividades, jogos, discussões, em torno ao homem global. Para o ser humano evoluir necessita de enfrentar os seus medos primários, conhecer o que o rodeia e o que é diferente, aprender com estas diferenças para assim poder sermos melhores cidadãos no mundo.

Sem mais de momento me despeço atenciosamente

Prof. António Narciso

Plano Campo de Férias Multicultural

Campo de férias:

. Local ainda a designar consoante o número de alunos que se inscrevam na actividade.

Objectivos:

- . Aprender a conviver com diferentes culturas e ambientes.
- . Abertura ao espaço de diálogo multicultural.
- . Promover uma cidadania responsável.
- . Ser motor de concórdia no diálogo com outras culturas.
- . Criar hábitos de diálogo.

Data em que se realiza:

Férias da Páscoa

Horas Prováveis de partida e chegada:

Ainda a definir

Disciplinas envolvidas

Filosofia, Educação Física

Turmas participantes:

Actividade aberta a todo o secundário

Transporte Utilizado:

(ainda a definir de acordo com o lugar da actividade)

Escola Secundária Leal da Câmara, 8 de Outubro 2012-10-08

O professor

Proposta Fim-de-Semana Multicultural

(Alunos do 10º e 11º anos)

INTRODUÇÃO

A presente proposta nasce com a vontade de dinamizar a escola para além dos muros que a circunscreve, promovendo assim uma formação integral. Considera-se que este fim-de-semana seria um momento privilegiado de encontro entre docentes e discentes num ambiente informal, porém educativo, promovendo o convívio e formação pessoal pela experiência do contacto com os agentes educativos fora do contexto do espaço escolar.

Considera-se que numa sociedade multicultural como a contemporânea, que é preciso interagir cada vez mais com a diferença e com as culturas que vivem a canto a nós. Descobrir as diferenças é essencial tanto para encontrar as tradições de cada um, como perder algumas fobias e preconceitos que nascem das diferenças culturais. Procurar-se-á criar uma dinâmica de grupo onde o respeito e a diferença sejam meios de interação com cada indivíduo, promovendo também o espírito de interajuda, de responsabilidade, de empenho, de trabalho comum e solidariedade. Considera-se que a educação nasce também do exemplo, concretamente, do exemplo que os mais velhos dão aos mais novos, assim sendo o educando poderá interagir com os educadores em tarefas quotidianas, que muitas vezes passam despercebidas pois não são do contexto “escola”.

Considera-se ainda que será um tempo privilegiado para trabalhar alguns aspetos formais do aluno que passam além das matérias lecionadas e que são de igual importância para a vivência em sociedade, desde comportamentos; temas, que por falta de tempo não podem ser abordados na sala de aula; dúvidas que muitas vezes os alunos têm e não as colocam por falta de proximidade com o educador. Além disso

será um espaço multidisciplinar onde se poderá trabalhar várias dimensões sociais e pessoais, fugindo a rotina quotidiana.

Por último, este fim-de-semana destina-se a alunos do 10º e 11º anos.

OBJETIVOS

A proposta será designada como “fim-de-semana multicultural” e terá os seguintes objetivos:

- a) Proporcionar uma experiência pessoal de encontro consigo próprio e de interiorização, por parte de cada aluno participante;
- b) Despertar para o significado de sociedade multicultural, promovendo as vantagens de uma sociedade pluricultural bem como alertando para os desafios desta mesma sociedade;
- c) Fomentar a partilha, reforçando laços de amizade e entreajuda;
- d) Conhecer outras culturas que permitam um crescimento pessoal de cada indivíduo;
- e) Promover a responsabilidade de cada pessoa através de atribuição de tarefas e de organização do fim-de-semana.

FORMATO

6ª Feira

Tarde – Saída da Escola secundária Leal da Camara,

Chegada ao local do fim-de-semana (ainda a designar);

Atribuição de quartos;

Jantar;

Arrumações;

Serão (jogos/ dinâmicas de apresentação);

Dormir.

Sábado

Manhã – Pequeno-almoço

Dinâmicas de grupo (ser diferente é...)

Almoço

Tarde – Atividades lúdicas

Dinâmica individual (promover a diferença)

Jantar

Noite – Dinâmicas de grupo – filme

Domingo

Manhã – pequeno-almoço

Dinâmica – pela diferença

Almoço

Tarde – avaliação

- Partida e chegada à Escola Secundaria Leal da Camara.

Salienta-se ainda que os custos serão suportados pelos alunos, mas tentar-se à arranjar algum tipo de apoio para diminuir os custos quanto possível.

A realização deste programa implica a constituição de uma equipa que assegure toda a logística (nomeadamente, dormidas, a confeção das refeições, etc. E implica também um processo de preparação, por meio do qual os alunos potencialmente interessados se motivem e disponham interiormente para a atividade que irão realizar.

Por isso, é fundamental que os Diretores de Turma (e outros professores também) se identifiquem com os objetivos e assumam a importância desta experiência para os alunos das suas turmas. Sem este envolvimento, não valerá a pena organizar o que quer que seja.

É fundamental também que a adesão dos alunos seja absolutamente voluntária e que nenhum se sinta constrangido a participar, seja por que razão for (nomeadamente a questão monetária). Nesta atividade como noutras, há que ter claramente presente que o valor do que se faz não se mede pela quantidade de pessoas envolvidas, mas sim pela profundidade com que cada um vive a experiência. A dimensão do grupo é relevante, pois na medida em que haja mais gente a partilhar a sua experiência mais rico será o fim-de-semana.

Fim-de-semana Multicultural

Coisas importantes a tratar

- . Ementa
- . Programa
- . Materiais necessários
- . Actividades a programar

Horário	Sábado	Domingo
8.30	Saída de Rio de Mouro	Pequeno-almoço
9.30	Chegada/ distribuição quartos	Bom Dia (ginástica/dança)
10.00	Jogo de apresentação	Atividade Da Manhã
11.00	Atividade	
12.00	Da Manhã	
13.00	Almoço	Almoço
14.00	Sorna/Lavagem loiça	Ser diferente é?
15.00	Caminhada	Avaliação
16.00	Danças	Arrumações
17.00	Jogos Praia	
18.00	Caminhada	
19.00	Jogo dos Países	
	Teatros Temáticos	
20.00	Jantar	
21.00	Filme/Serão	
../..	Deitar	



Escola Secundária Leal da Câmara

Reunião de Encarregados de Educação

Fim-de-semana Multicultural

Excelentíssimo Encarregado de Educação;

Vimos por este meio convocar vossa excelência para uma reunião de preparação/esclarecimento em relação ao fim de semana multicultural para alunos do décimo ano. Pretende-se com esta reunião responder a quaisquer dúvidas que tenham sobre o dito fim-de-semana, bem como podermos expor o trabalho que será realizado nestes dias, bem como local da atividade, quem orientará, etc.

A vossa participação é fundamental, por isso pedimos a vossa disponibilidade para o dia **20 de Fevereiro às 18.45 na Escola Leal da Câmara**, no auditório.

Com os melhores cumprimentos

------(cortar por aqui)-----

Eu _____ encarregado de educação do
aluno(a) _____ da turma _____, **participarei – não participarei**
(riscar o que não interessa) na reunião de preparação do fim de semana multicultural para
alunos do décimo ano na escola Leal da Câmara no dia 20 de Fevereiro às 18.45.

(Encarregado de Educação)

II – Planificações



Escola Secundária de
Leal da Câmara

Escola Secundária Leal da Câmara

Rio de Mouro

Planificação Aula a Aula – 10º ano

“A dimensão estética”

Sumário nº7: O que é a arte como imitação e representação?			Conceitos: Imitação, representação, valor da arte, valor intrínseco, valor instrumental, forma, teorias instrumentalistas.		
Objetivos	Conteúdos	Competências	Estratégias	Atividades	Avaliação
<p>O aluno deverá:</p> <p>Compreender o problema da definição de arte.</p> <p>Conhecer a teoria da arte como imitação.</p> <p>Avaliar a teoria da arte como representação.</p>	<p>A arte como imitação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Meios de imitação - Coisas imitadas - Modos de imitação <p>A arte como representação.</p> <ul style="list-style-type: none"> - A importância do significado e do símbolo além da mera imitação. 	<p>Arte e imitação</p> <p>Arte e representação.</p>	<p>Computador</p> <p>Projector</p> <p>Colunas</p> <p>Quadro</p> <p>Manual do aluno</p> <p>Textos</p>	<p>Resumo aula anterior.</p> <p>Apresentação oral.</p> <p>PowerPoint.</p> <p>Conclusão.</p>	<p>Observação atitudes filosóficas</p> <p>Ouvir, respeitar e responder às ideias e argumentos dos outros</p>

III – Guião

Arte como Imitação, Representação, Expressão ou Significante.

O que é a arte?

Possível definição: Muitos filósofos procuram a essência e as características intrínsecas que determinados objectos possuem e os fazem ser arte, permitindo-nos distinguir o que é arte ou não.

(condições e características)

Arte e imitação (Platão e Aristóteles)

Platão – mimese ou mimesis = imitação.

A arte é uma imitação imperfeita dos mundos dos sentidos. Substituir o modelo original pela sua cópia é o mesmo que fechar os olhos á verdade.

A arte é o mundo da aparência. O artista ao imitar a natureza está a imitar uma imitação, porque a essência está no mundo inteligível.

Aristóteles

Podemos aprender com as imitações.

Poesia – imitação das acções humanas – Lusiadas

+ Positivo

- . A imitação ajuda a conhecer.
- . A arte como imitação oferece um critério rigoroso de avaliação.

- Negativo

- . Por algumas obras de arte imitarem não quer dizer que a arte imita.
- . Se a imitação fosse a concepção da arte então a fotografia era a arte suprema.
- . Para a arte ser realista teria de suprimir-se o autor.
- . Inferioriza o belo artístico em relação ao belo natural.

A arte como representação

Procura um conceito mais abrangente de arte ao contrário da arte como imitação. Se uma obra tem assunto, então representa algo. Ou seja, a representação, o simbolismo está no centro da obra de arte.

Objecções à teoria da representação.

Há obras de arte que não representam nada, são instrumentais, *suites para Violoncelo* de Bach.

A arte e Expressão

- . A arte torna-se um veículo para exprimir emoções.
- . Deixa de ser o espelho da natureza para se tornar espelho da experiência interior do artista.
- . Procura mostrar uma realidade que escapa à ciência: a emoção.
- . A arte como forma de comunicação.

Tolstoi e os 7 aspetos da arte.

- 1. O artista tem de sentir emoção**
- 2. O público tem de sentir emoção**
- 3. A emoção do público e do artista tem de ser a mesma.**
- 4. Tem de haver autenticidade por parte do artista.**
- 5. O artista tem de ter intenção de provocar emoção** (provocar nos outros os mesmos sentimentos que teve de forma intencional, ex: A Sandra e a mãe)
- 6. Os sentimentos expressos têm de ser individualizados.** (O artista exprime os seus próprios sentimentos ex: revolta contra os imigrantes)
- 7. A expressão consiste em clarificar sentimentos.**

3 Vantagens:

- 1. Explica o conteúdo cognitivo da arte** (explora o mundo subjectivo das emoções, fazendo com que as pessoas conheçam as suas emoções)
- 2. Explica a ligação emocional que temos com a arte** (para compreender a arte tem de ser uma pessoa sensível)
- 3. É muito abrangente** (qualquer obra, represente ou não, pode sempre exprimir emoções.)

Objeções:

- . Há autores que produzem obras de arte e não tem qualquer sentimento (Shakespeare – personagens contraditórias).
- . Há outros factos mais para a produção de arte além do sentimento.
- . O mérito da obra de arte assenta na sua harmonia interna.
- . O Público não tem sempre as mesmas emoções que as personagens.
- . Há emoções que a obra de arte expõe que nós não sentimos (racismo, ódio)
- . Muitas vezes criam-se obras de arte sem qualquer valor emocional que o público descobre como emocionante.

Arte como significante

- . As emoções que o espectador tem decorrem da qualidade da obra de arte.
- . Relação existente entre partes: harmonia, combinação
- . A obra de arte é indefinível.
- . há melhores críticos que outros porque reconhecem melhor a forma significante.

Objeções

- . Argumento circular
- . A teoria não pode ser refutada.

IV – Critérios de Avaliação

Vigentes na Escola

CrITÉrios Gerais de AvaliaÇão dos Alunos na Disciplina de Filosofia (10� e 11� anos)

A. ELEMENTOS A AVALIAR:

- Domínio/ Aprofundamento dos conteúdos.
- Competências para a aquisição e expressão dos conteúdos.
- Posicionamento crítico.
- Criatividade.
- Participação nas actividades curriculares.
- Atitudes.

B. INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

- Registos da observação do trabalho realizado na aula.
- Exercícios de análise de texto.
- Trabalhos escritos.

C. PESO, EM PERCENTAGEM, DOS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

	1 0º ANO	11º ANO
▪ Exercícios escritos:	70%	70%
▪ Outros trabalhos escritos:	20%	20%
▪ Observação da participação e das atitudes:	10%	10%

EXPLICITAÇÃO DOS CRITÉRIOS GERAIS DE AVALIAÇÃO

1. Domínio dos conteúdos (Teorias: conceitos, problemas, teses, argumentos).

- Identificar.
- Clarificar (definir, explicar, contextualizar).
- Relacionar (oposição, hierarquia, convergência, interdependência).
- Aplicar (formulação de problemas, construção de hipóteses).
- Formular.
- Situar teorias nas diferentes áreas da filosofia.
- Mostrar a importância de um problema filosófico.
- Defender/ criticar.
- Reconstituir argumentos.
- Criar argumentos a partir de teses: tomar uma posição teórica e justificá-la.
- Posicionamento crítico sobre os conteúdos dados.

2. Competências para a aquisição e expressão dos conhecimentos:

- Domínio da linguagem oral e escrita.
- Domínio da técnica de análise de texto.
- Domínio das técnicas de registo das matérias.
- Estrutura das intervenções orais/escritas (organização, pertinência, rigor da linguagem, posicionamento crítico).
- Argumentação escrita e oral.

3. Participação nas actividades curriculares:

- Participação na dinâmica da turma.
- Posse dos materiais necessários.
- Atenção.
- Trabalho em grupo.

4. Atitudes:

- Assiduidade.
- Pontualidade.

- Exercício das regras básicas da convivência (respeito pela vida, tolerância, autonomia e responsabilidade).

5. Criatividade:

- Abordagem inovadora dos problemas.

CRITÉRIOS DE CORRECÇÃO DOS EXERCÍCIOS ESCRITOS:
--

- Domínio dos conteúdos.
- Adequação da resposta à questão colocada.
- Estruturação da resposta.
- Carácter reflexivo - crítico da abordagem.
- Correção da expressão escrita.

Estrutura dos exercícios escritos:

2 questões : Competências: - Compreensão dos conteúdos dados.

1 questão : - Análise de um texto.

1 questão : - Relação de conteúdos
- Discussão conteúdos/ argumentação }

CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO DAS ANÁLISES DE TEXTO:
--

- Determinação do tema central do texto.
- Esclarecimento dos conceitos chave.
- Elucidação das principais teses.
- Desconstrução dos argumentos.
- Explicitação da conclusão.
- Indicação e desenvolvimento das questões laterais relevantes.

CRITÉRIOS PARA A AVALIAÇÃO DOS COMENTÁRIOS DE TEXTO:*
--

- Análise do texto (* Pressupõe os critérios utilizados para a análise de texto)
- Problematicar pressupostos e consequências a partir de uma apropriação pessoal do texto.

CRITÉRIOS PARA A AVALIAÇÃO DOS RELATÓRIOS DE AULA:

- Compreensão do núcleo da aula e das suas ramificações.
- Exposição escrita, sintética, do problema, desenvolvimento e conclusão da aula.
- Problematicação do tema abordado.
- Aspectos formais.

CRITÉRIOS PARA A AVALIAÇÃO DOS TRABALHOS DE GRUPO

- Aspectos formais 25% (5 valores):
 - Apresentação gráfica (capa, índice, bibliografia, etc.) (2)
 - Correção da expressão escrita (3)
- Conteúdos 60% (12 Valores):
 - Adequação ao tema (2)
 - Profundidade da abordagem (5)
 - Rigor na utilização dos conceitos (3)
 - Criatividade (2)
- Apresentação oral 15% (3 Valores):
 - Eficácia (2)
 - Inovação (1)

V – Grelha de Avaliação Modelo

Escola Secundária Leal da Câmara
Grelha de Correção da Ficha de Avaliação
10º Ano E2

Nome		Versão	Grupo I (5X6= 30)						G. II (4X10= 40)										G. III (20+35+35)			G. IV (40)	Total
Nº			1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	1	2	3	1	
1	Carolina Cavaco	A	5	5	5	5	5	0	4	4	4	4	4	4	4	0	0	4	20	30	25	30	162
2	Carolina Cardoso	B	0	5	5	5	0	5	4	0	0	4	4	0	4	4	0	4	10	30	35	25	144
3	Cristian Gribiniuc	B	0	5	5	0	0	0	4	0	0	4	4	4	4	4	0	4	20	10	35	20	123
4	Daniela Vilar					Faltou																	
5	Dino Simões	A	5	5	5	5	5	5	4	4	4	0	4	4	4	0	4	4	20	35	35	0	152
6	Inês Freitas	B	0	5	5	5	0	0	4	0	4	4	4	4	4	4	0	4	20	25	25	20	137
7	Leonardo Freitas	A	5	5	5	0	5	0	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	20	35	35	20	165
8	Mariana Rocha	A	5	5	0	0	0	5	4	4	4	0	4	4	4	0	4	4	20	25	25	20	137
9	Mário Cá	B	5	5	5	5	5	0	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	20	20	30	15	150
10	Natanael Cá	A	5	5	5	5	5	5	4	0	4	4	4	4	0	0	4	4	20	0	0	15	93
11	Nuno Ribeiro	B	0	5	0	0	5	0	4	0	0	4	4	4	4	4	4	4	0	0	0	15	57
12	Patrícia Antunes	B	5	5	5	5	5	5	4	4	4	0	4	0	0	4	0	4	20	30	0	15	119
13	Paulo Colaço	B	0	5	5	5	5	5	4	4	4	4	4	4	4	4	0	4	20	35	30	25	171

14	Rafael Sousa	B	0	5	5	5	0	5	4	4	4	4	4	0	4	4	0	4	20	30	30	25	157
15	Sámarah Silva	A	5	5	5	5	5	5	4	4	4	4	4	4	4	0	4	4	20	30	35	35	186
16	Solangela Monteiro	A	5	5	0	0	5	5	4	4	4	4	4	4	4	0	4	4	20	15	25	10	126
17	Elisa Moreira	B	0	5	0	0	5	0	4	0	4	4	4	4	4	4	4	4	20	25	25	0	116
18	Edmar	A	5	5	0	5	5	5	4	4	4	4	4	4	4	0	4	4	20	35	25	20	161

VII - Ficha de Registo de Aulas

Ficha de Registos de Aula

10º Ano - Filosofia

Data ____
/ ____ / ____

A

Data ____
/ ____ / ____

		Exercício escrito individual	Fichas, TPC, relatórios	Trabalhos de grupo /individuais	Exposição oral e apresentação trab.	Particip. (pertinência/qualid.)	30 - Assiduidade e Pontualidade	20 - Material	20 - Interesse, curiosidade, honestidade e rigor intelectual (particip./colabor.)	30 - Comportamento correto em aula	20 - Tolerância e respeito	20 - Autonomia nas dificuldades	30 - Espír. crítico em opiniões fundam.	30 - Interiorização e vivência valores
Nº	NOME	SABER / FAZER					SABER SER							
01														
02														
03														
04														
05														
06														
07														
08														
09														
10														
11														
12														
13														
14														
15														

16														
17														
18														
19														
20														
21														
22														
23														
24														
25														
26														
27														
28														
29														

LEGENDA

Falta de: - Assiduidade (F) - Pontualidade (A) - Material (M)

Entrega de trabalhos: - Sim (✓) **Registo na aula:** - Positivo (+) **Espaço em branco:** - não fez ou não participou

Classif. Saber/Fazer: - Não Satisfaz (NS) - Satisfaz (S) - Bom (B) - Muito Bom (MB)

A tradução em nota qualitativa é feita de acordo com os sinais acumulados.